DENARIUS

O MERCADO MAIS PERTO DE VOCÊ

N. 2 - SETEMBRO/2021

DENARIUS

O MERCADO MAIS PERTO DE VOCÊ

DENARIUS é publicação técnica apoiada pela FIPECAFI (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras).

Rua Maestro Cardim 1170
São Paulo, SP, 01323-001

Edição 02 de Setembro/2021

Copyright © 2021
Todos os direitos reservados.

Referências autorizadas desde que citada a fonte.

FIPECAFI
Cultura Contábil, Atuarial e Financeira

APRESENTAÇÃO

Nesta segunda edição do Boletim Denarius focamos nos desafios que a economia brasileira precisará enfrentar no segundo semestre de 2021. O avanço do processo de vacinação trouxe alívio para o mercado brasileiro e diversos indicadores já sinalizam para uma retomada da economia. Em contrapartida, a inflação em patamares bem acima do limite máximo estipulado pelo governo gera preocupações para o curto prazo.

Se, por um lado, a política monetária contracionista iniciada pelo Banco Central representará uma valiosa arma para frear o avanço dos preços no mercado interno, de outro, ela poderá retardar o processo de recuperação da economia, que ainda apresenta níveis elevados de desemprego como consequência da crise sanitária.Deixando o momento ainda mais delicado, preocupações com uma nova crise hídrica poderá deixar a energia elétrica ainda mais cara, com impacto direto para as famílias, deixar o custo de produção mais elevado no país e, ainda, retirar competitividade das nossas empresas. Neste volume do Denarius, iniciamos com a colaboração do nosso correspondente, Cruz Lopez, o acompanhamento do cenário econômico norte-americano, um importante termômetro para o mercado mundial. Em meio a incertezas sobre uma nova onda de contágio provocada pela variante Delta, os Estados Unidos têm apresentado bons sinais de recuperação, com um processo de vacinação em um estágio também avançado.

Rumores sobre o início da redução dos incentivos trilionários do governo norte-americano preocupam os países em desenvolvimento, como o Brasil. Uma possível elevação da taxa de juros dos EUA para frear os avanços dos preços no país, similar ao ocorrido em 2013, poderiam provocar uma fuga de capital da economia brasileira, com diversos impactos para o nosso mercado, principalmente para o câmbio. Contudo, os resultados recentes sobre a geração de emprego nos EUA indicam que os estímulos econômicos do Federal Reserve ainda serão necessários no curto prazo.

DESTAQUES DA EDIÇÃO

- **INFLAÇÃO**
  Manutenção das expectativas de alta para os preços de produtos e serviços no mercado brasileiro

- **TAXA DE JUROS**
  Expectativa de crescimento mais acelerado, buscando frear os efeitos da inflação

- **PIB**
  Redução da expectativa de crescimento da economia brasileira em 2021

- **EMPREGO**
  Manutenção da taxa de desocupação em patamares elevados, com crescente importância da categoria de trabalho por conta própria

Para ter acesso a outros conteúdos, visite nosso site denarius.info e mantenha-se atualizado com análises e estimativas do mercado econômico-financeiro.

RESISTÊNCIA: VINTE POR DOIS, EM DOIS

O mundo pode testemunhar um exemplo emblemático e único sobre o poder e a força da resistência relacionada aos processos de mudanças. Sem vencedores, observamos como um processo de mudança é por demais complexo para se estabelecer. Vinte anos (desde os atentados às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001) foram simplesmente anulados em duas semanas. Sem claros vencedores, ou melhor, com opositores definidos e muitas perdas atribuídas (que vão muito além dos mais de USD 2 trilhões por parte dos Estados Unidos, envolvendo muitas vidas, quebra de esperança e elevação de riscos globais), a situação envolvendo a potência norte-americana e o Afeganistão nos aponta como relacionamentos envolvendo ações (e reações), sejam locais, institucionais, organizacionais, ou mesmo internacionais, estão sedimentados em visões e comportamentos humanos, de forma singular e coletiva.

Notadamente, como as pressões acumuladas tendem a trazer, por meio de força que não deve ser desprezada, os elementos ao seu ponto de origem.

Em ambientes organizacionais, notadamente na perspectiva do desempenho em suas mais diversas dimensões (e.g., operacional, qualidade, financeira) os processos de mudanças, planejadas ou não, são recorrentes e afetam de forma particular colaboradores, parceiros, clientes, áreas, processos com efeitos claros, mais ou menos esperados, o desempenho. O balanceamento entre o planejar e o empreender, regulado pelo risco, dá sentido às esperanças e visões, expectativas e medos, anseios e realidades.

O peso da confiança e as consequências de sua falta podem nos trazer enorme desconforto e insegurança para prosseguir, mesmo reconhecendo a altíssima capacidade humana de se reorganizar e adaptar rapidamente. Modificações em cenários e contextos tais como a situação mencionada (após 20 anos!) levam à abrupta reconfiguração das condições para indivíduos, organizações e sociedades inteiras, bem como setores econômicos e respectivos impactos internacionais. Não apenas eventos da magnitude do supracitado (como também as crises ambiental e sanitária vividas atualmente) nos alertam para tais rupturas, mas também fenômenos mais locais (nacionais) como o próprio processo de revisão de nosso pacto social no Brasil, notadamente em função das reformas em curso (levando-se em conta as atuais políticas monetária, fiscal, comercial e cambial) e dos desafios de infraestrutura que enfrentamos. Isso tudo nos afeta diretamente, pessoas e organizações, e de forma complexa.

É neste contexto que sublinhamos o papel relevante e cada vez mais influente que tem o profissional da área financeira. Munido de uma coleção ímpar de habilidades, atitudes e conhecimentos, este profissional é capaz de lidar com as representações e consequências de eventos econômicos na forma de mensuração e divulgação de desempenho e evoluções patrimoniais. Porém, dado o contexto aqui apresentado, cada vez mais os profissionais da área financeira precisam reconhecer, atuar profundamente sobre as decisões e consumir criticamente as variáveis socioeconômicas, comportamentais e tecnológicas (suas relações), bem como os impactos de tais dinâmicas, contemplando as idiossincrasias das organizações. Ou seja, prospectivamente conhecer mais e melhor como o contexto, o ambiente, as contingências e riscos afetam os negócios e os modelos de negócios, suas oportunidades e respectivos desempenhos. Assim, tal profissional tende a levar mais confiança e segurança às organizações com as quais atua, aumentando sua proposta de valor, identificando caminhos em função de níveis de riscos toleráveis pelas organizações, levando-se em conta o ponto central aqui mencionado: a complexa dinâmica entre recursos, processos e pessoas no que tange às mudanças (planejadas ou não) e a assustadora força existente para evitá-las e buscar o retorno ao ponto de origem ou, simplesmente, resistência.

EDGARD CORNACCHIONE
Head Editorial

FERNANDO DAL-RI MURCIA

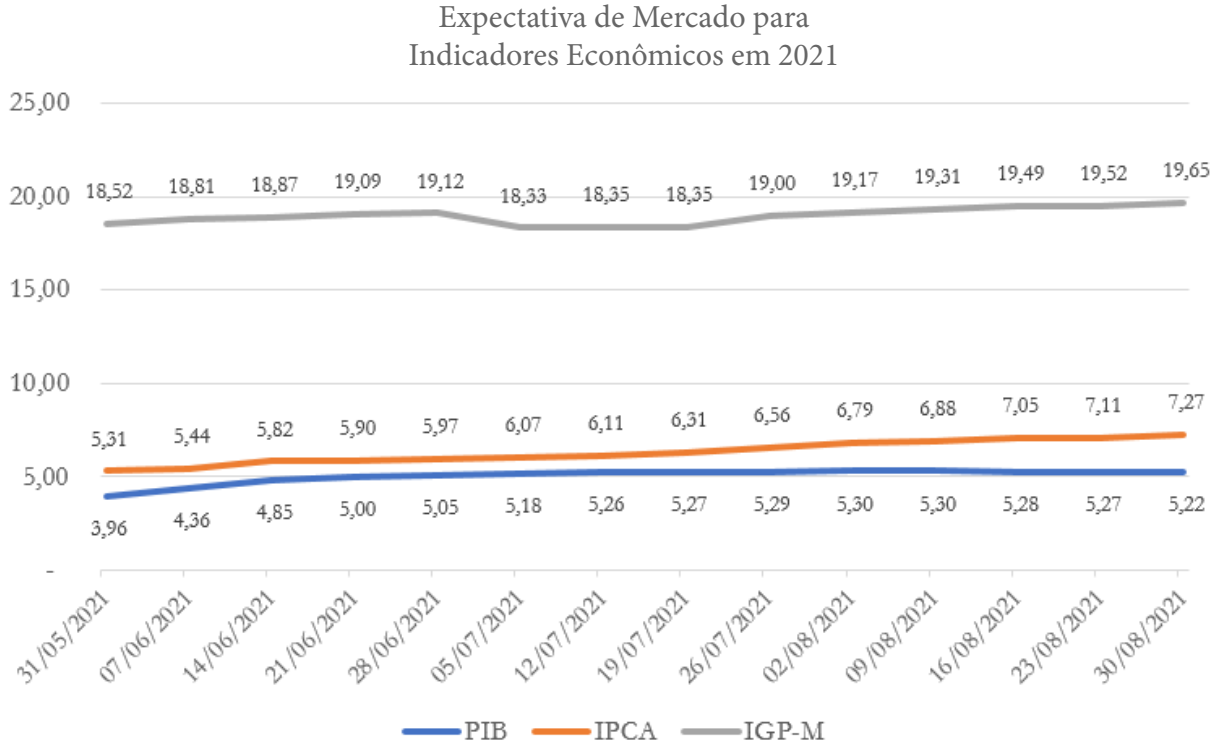
PANORAMA ECONÔMICO BRASILEIRO

O início do segundo semestre de 2021 tem sido marcado por entraves significativos para a economia brasileira. A recuperação econômica iniciada com a evolução do processo de vacinação no país tem sido ameaçada pela alta dos preços no mercado interno e por incertezas políticas que rondam Brasília. O Boletim Focus do Banco Central (BC), que semanalmente apresenta a expectativa do mercado, mostra uma redução na estimativa do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em suas últimas edições.

Considerando o resultado divulgado na última segunda-feira de agosto, já são três semanas consecutivas de baixa na estimativa do PIB. Atualmente, espera-se um crescimento de 5,22% para 2021. Na primeira semana de agosto essa expectativa era de 5,30%.

A última divulgação do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) do BC, considerado uma prévia do PIB, referente ao mês de junho ainda mostrou um aumento de 1,14% nas atividades econômicas do país. A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do mesmo período evidenciou um aumento no volume de vendas do setor varejista na ordem de 0,9%, com uma estabilidade da receita nominal. No ano, o setor varejista já apresenta um crescimento de 6,7% em relação ao volume de vendas e de 18,4% em relação à receita nominal.

Já a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) de junho, por sua vez, indicou um crescimento 2,5% na receita nominal do setor e um aumento de 1,7% no volume de vendas em relação a maio. Em 2021, o setor de serviço já mostra

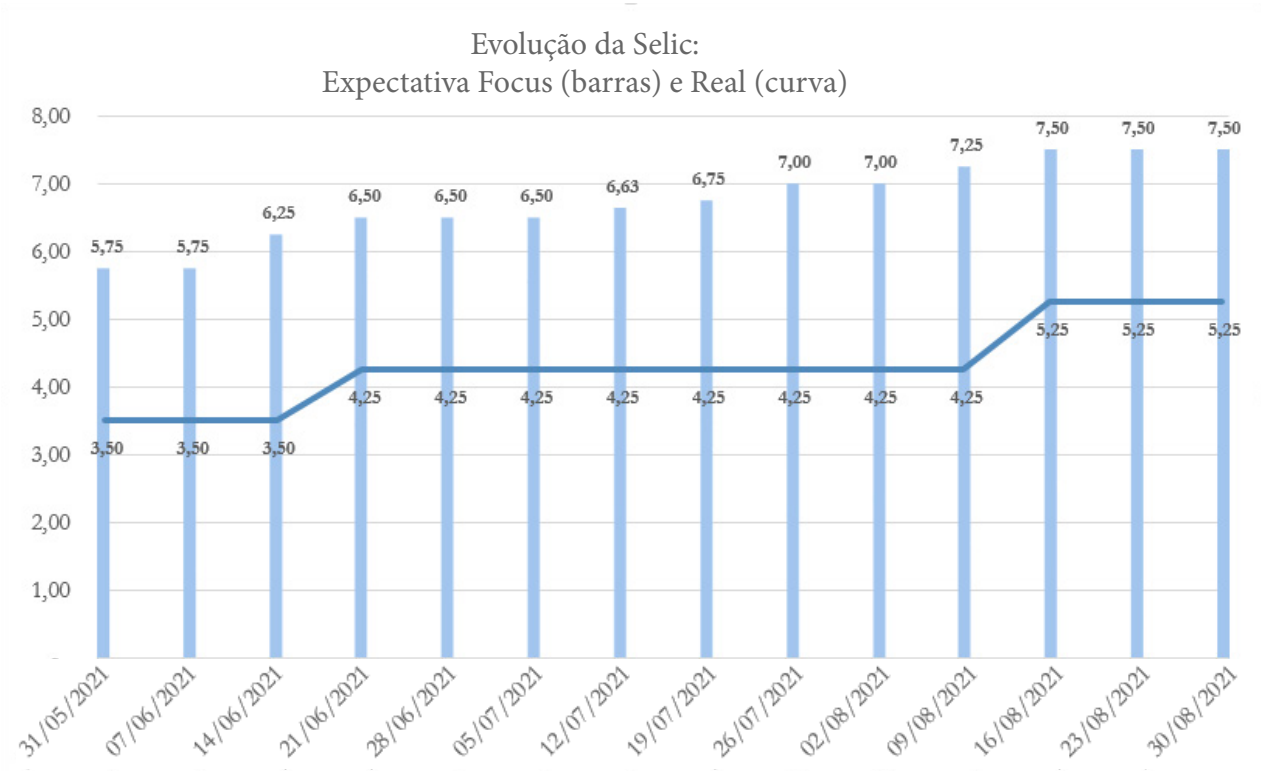


um crescimento de 10,9% em relação à receita e de 9,5% em relação ao volume de vendas. O bom desempenho do setor é resultado direto do processo de vacinação da população brasileira e a consequente redução das medidas restritivas impostas pela pandemia.

Os últimos resultados para o setor industrial, contudo, já indicam uma situação inversa ao setor varejista e de serviços. Isso porque, tanto nas edições de junho quanto julho os dados apresentados pela Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) indicam uma redução na produção industrial brasileira. Em junho, a indústria nacional recuou 0,2% e, em julho, a redução apontada pela PIM-PF foi de 1,3%. Porém, nem toda a cadeia industrial vem apresentando sinais negativos.

Na indústria de transformação, o ramo de "Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustível" apresentou crescimento de 4,3% em junho e de 2,8% em julho.

Por fim, o setor agropecuário, cujos preços de grande parte dos produtos são determinados pelo mercado internacional, tem sido positivamente impactado pela desvalorização cambial da moeda brasileira. As principais commodities determinantes do PIB do agronegócio (como soja, milho, trigo, algodão, café, etanol e boi gordo, por exemplo) apresentaram um primeiro semestre com aumento nos preços, quando comparado com igual período de 2019. Tanto o crescimento da demanda internacional, com destaque para a China, quanto a depreciação do real frente ao dólar favorecem a exportação das commodities agropecuárias brasileiras, o que pode gerar consequências negativas para o mercado interno, como o desabastecimento e consequente aumento dos preços.



Além disso, é importante lembrar que o agronegócio é intensivo em tecnologia e, portanto, dependente de importação de máquinas e equipamentos. Sendo assim, apesar da desvalorização cambial, de um lado, contribuir com um aumento de receita, de outro, ela gera um aumento de custos para o setor, que precisa de altos investimentos para a manutenção da produtividade e competitividade. Este aumento dos custos para o setor também poderá pressionar o preço dos produtos alimentícios, gerando aumento dos preços no mercado brasileiro. A inflação no mercado interno representa, inclusive, a grande preocupação para os próximos meses.

A economia brasileira ainda é muito indexada e os resultados apurados para os principais indicadores de inflação sinalizam para um período de atenção. As expectativas do mercado evidenciadas no Boletim Focus mostram uma alta esperada tanto para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) quanto para o Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M). Já são 21 semanas consecutivas com aumento esperado para o IPCA e 6 semanas para o IGP-M na consulta semanal conduzida pelo BC junto ao mercado.

Os alimentos representam um ponto importante na pressão dos preços no mercado interno. Em julho, o IPCA apresentou um aumento de 0,96%, o maior valor para esse período desde 2002. O grupo de "alimentação e bebidas", em especial, indicou um crescimento de 0,60% em relação ao mês de junho (o qual já havia apresentado um aumento de 0,43% em relação a maio). Como mencionado anteriormente, em partes, esse resultado é fruto direto da desvalorização do real frente ao dólar e, ainda, de uma demanda externa mais aquecida pelos produtos agropecuários, o que favorece a exportação, com redução direta da oferta dos produtos alimentícios para o mercado interno.

O aumento dos preços dos alimentos é um fator socialmente preocupante na medida em que impacta mais as famílias mais pobres, que alocam grande parte da renda familiar para esse tipo de consumo. Contudo, a grande ameaça para o aumento da inflação nos próximos meses refere-se à energia elétrica. Em julho, o preço da energia já foi um dos principais fatores de geração de inflação, no quesito "Habitação". Individualmente, a energia elétrica apresentou um crescimento de 7,88% no IPCA de julho, gerando um impacto de 0,35 ponto

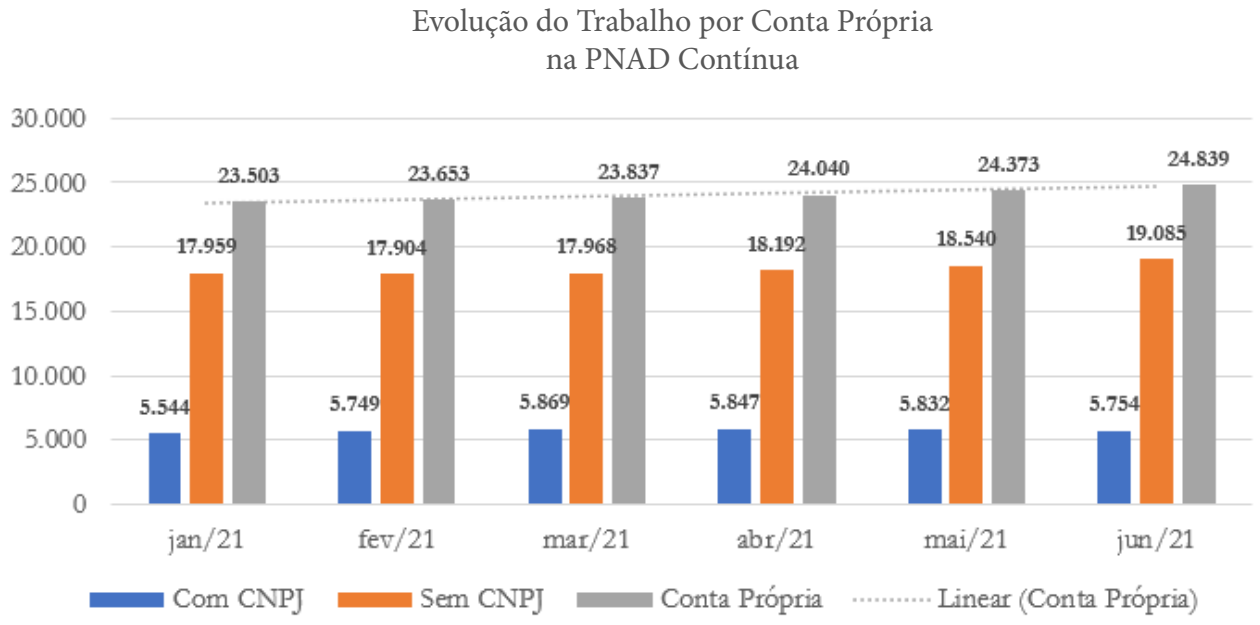
percentual no indicador. A falta de chuvas reduziu consideravelmente os reservatórios das hidrelétricas brasileiras (nossa principal fonte de produção de energia) e fez com que o governo acionasse a complementação energética via termelétricas. O custo dessa produção adicional, contudo, é bem mais elevado, o que é repassado ao consumidor final.

Em um cenário de uma possível crise hídrica, os impactos irão além do aumento do preço de energia na residência dos brasileiros. Pesquisa divulgada em agosto pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou que 9 em cada 10 empresários estão preocupados com a situação hídrica do país. Além disso, 98% dos empresários consultados acreditavam que haveria um aumento dos preços de energia e 62% já esperavam medidas de racionamento a serem implementadas pelo governo federal. O aumento do preço da energia no setor produtivo tende a gerar um efeito cascata para o mercado nacional, com repasse de custos para os diversos produtos e serviços existente na economia.

Buscando frear o avanço da inflação, o BC tem realizado uma política monetária contracionista, elevando significativamente a taxa básica de juros do mercado, a Selic. Na última reunião realizada pelo órgão, no início de agosto, o aumento foi de 1 ponto percentual, saindo de 4,25% para 5,25%, representando o aumento mais agressivo realizado pelo órgão em 18 anos. O mercado, contudo, já espera fechar o ano com a Selic no patamar de 7,5%. Apesar da necessidade de controle da inflação, a economia brasileira ainda demanda incentivos para recuperar os danos causados pela crise sanitária provocada pela Covid-19. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) Contínua, a taxa de desocupação da economia brasileira para o segundo trimestre de 2021 ficou em 14,1%, com 14,4 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho.

Para o período imediatamente anterior à pandemia, esse valor era de 11,6%, o que já era considerado um nível de desemprego elevado, e muito distante dos 6,2% obtidos no último trimestre de 2013, o melhor patamar do indicador nos últimos anos. Os resultados da PNAD Contínua mostram, ainda, a crescente importância da categoria de trabalhadores empregados por conta própria. Na pesquisa referente a junho de 2021 já eram 24,8 milhões de trabalhadores nessa situação, dos quais apenas 23% apresentavam CNPJ. A categoria de trabalhadores por conta própria representa hoje mais de 28% da população ocupada no Brasil.

Além da possibilidade de muitos indivíduos dessa categoria estarem em uma atuação informal, em função da atuação sem CNPJ, é importante considerar a volatilidade que esse tipo de trabalho traz para a economia brasileira. Uma pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) com os dados da PNAD Contínua mostra que foram esses os profissionais que tiveram o maior impacto na renda durante os piores



meses da pandemia da Covid-19, com uma remuneração, em média, 24% menor do que a habitual. Em momentos de crise, esses profissionais estão mais vulneráveis à perda de trabalho e sem acesso aos direitos trabalhistas que os indivíduos com carteira assinada possuem.

Quando se analisa apenas os dados do emprego formal, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) tem indicado resultados mais otimistas. Desde janeiro de 2021, as admissões têm sido maiores do que os desligamentos. O saldo líquido do ano, até julho, está em 1,8 milhões de novos postos de trabalho. Neste mesmo período, em 2020, o saldo era negativo em 1,1 milhões, refletindo os impactos diretos da Covid-19.

A atual situação do mercado de trabalho ainda demanda políticas governamentais de apoio aos indivíduos desempregados. O auxílio emergencial, política implementada para frear os danos econômicos causados pela perda de renda da população durante a pandemia, foi renovado até outubro deste ano. Recentemente, o governo federal anunciou a criação de um novo programa social, chamado Auxílio Brasil, que deverá substituir o Bolsa Família a partir de novembro com subsídios superiores aos que atualmente encontram-se em vigor.

Apesar da inquestionável importância do apoio financeiro às famílias mais necessitadas, a injeção de mais moeda na economia poderá exercer ainda mais pressão nos preços de mercado, contribuindo para o aumento da inflação. Além disso, ainda está em discussão qual será a fonte de financiamento dos recursos necessários para subsidiar os gastos adicionais deste novo programa social.

Uma primeira possibilidade recai no parcelamento dos precatórios do governo - dívidas transitadas em julgado. Uma segunda alternativa reside na reforma tributária, que possibilitará novas fontes de recursos para o governo, a partir de uma maior arrecadação. Mesmo com alguns avanços nas tratativas dessa reforma no congresso, ainda está incerto o impacto direto para as arrecadações.

O ministro da Cidadania, João Roma, os presidentes da República, Jair Bolsonaro, e da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães | Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

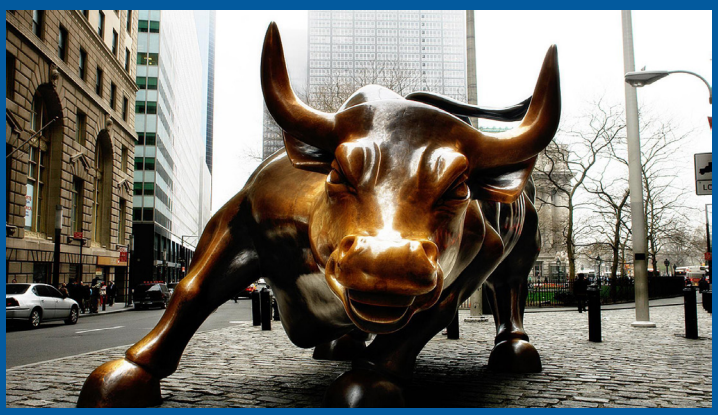
PANORAMA NORTE-AMERICANO

Por Cruz Daniel Lopez

Mais rápido do que se pensava inicialmente, o segundo trimestre elevou Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos acima de seu pico pré-pandêmico - aumentando a taxa anual de 6,6% um pouco mais rápido do que os 6,5% inicialmente previstos pelo mercado. Como esperado, a expansão do segundo trimestre seria elevada para 6,7%, visto que nos três primeiros meses do ano a economia cresceu 6,3% e recuperou as perdas acentuadas causada pela crise sanitária.

Em meio às perdas sofridas durante a recessão, o crescimento do PIB norte-americano refletiu uma parcela muito mais robusta dos gastos do consumidor, inicialmente estimada em parte devido aos estímulos financeiros realizados pelo governo às famílias de baixa renda. Apesar da situação, a confiança do consumidor aumentou no período e mais americanos estão comprando.

O entretenimento pessoal e os gastos com serviços voltaram com a aceleração do processo de vacinação contra a Covid-19 para a maioria, senão todos, americanos acima de 12 anos. A recessão causou uma mudança nos gastos com serviços de bens duráveis - como eletrônicos, entretenimento doméstico e produtos relacionados à saúde e combate à pandemia.



Durante esse trimestre, mais de 2/3 da economia dos Estados Unidos também cresceu com a campanha de imunização, que alimentou a demanda por serviços como viagens aéreas, hospedagem, restaurantes e entretenimento.

Em resumo, a economia dos EUA está se recuperando para os mais ricos, mas uma divisão da riqueza ocupou o centro do palco no país. O mercado de trabalho está se recuperando, mas com o desemprego acima do ideal, o término da assistência federal e a suspensão das regulamentações de despejos, as classes média e baixa dos americanos estão lutando para lucrar com a "nova riqueza" do trabalho remoto e do mercado de trabalho pós-pandemia. O setor de serviços depende da confiança dos gastos pessoais para impulsionar a geração de emprego, já que o setor de bens duráveis pode mudar para operações remotas e digitais, com a ascensão da Amazon e os principais varejistas transferindo seus recursos para alcançar um mercado consumidor virtual.

Prevendo a economia nos próximos meses, o Federal Reserve (FED) decidiu realizar o Simpósio de Jackson Hole, de forma virtual, pelo segundo ano consecutivo, em meio a temores de que a variante delta se espalhe pelo país. O evento foi programado para ser realizado presencialmente, mas mudou de última hora, aumentando o temor de muitos de que essa nova onda da pandemia poderia atrasar a recuperação.

O atual presidente da entidade, Jerome Powell, mostrou confiança com as perspectivas dos consumidores na economia, mas o caminho para a recuperação está estabelecido. A inflação está alta, mas a confiança do mercado permanece. O mercado de trabalho está se recuperando, mas exige tempo para o pleno emprego. A redução da taxa dos títulos pode ocorrer até o final do ano, mas nenhum aumento deve acontecer em breve. ■

IMPLICAÇÕES PARA O MERCADO

A situação apresentada pelos principais indicadores macroeconômicos brasileiros indica que o segundo semestre poderá ser desafiador para o mercado. Ao mesmo tempo que já é possível perceber bons sinais de recuperação da crise instituída pela pandemia da Covid-19, fatores como inflação e crise hídrica podem deixar o curto prazo desafiador para as empresas.

O aumento dos preços praticados no mercado já se faz presente no dia a dia das organizações, podendo representar um aumento de custos significativo. A depender do setor de atuação, as organizações poderão repassar uma maior ou menor parte dos novos custos para o consumidor final. Em setores mais competitivos, contudo, é possível que as instituições tenham que absorver uma maior parcela do aumento dos preços dos insumos, para não perder participação de mercado. Consequentemente, para essas organizações, poderá haver um achatamento do lucro obtido no curto prazo.

Os entraves para a geração de energia elétrica no país poderão deixar a situação inflacionária ainda mais sensível. Em um cenário de crise hídrica que já é traçado por empresários do setor industrial, o preço da energia elétrica poderá impactar ainda mais nos custos das empresas nacionais, pressionando novamente para um ajuste nos preços de produtos e serviços. Assim, além de aumentar a inflação, a situação poderá retirar competitividade do nosso mercado, gerando gargalos para o nosso crescimento. O aumento realizado pelo Comitê de Políticas Monetárias (Copom) na Selic em um ritmo mais rápido do que o esperado previamente pelo mercado poderá, ainda, gerar dificuldades para uma recuperação mais completa da crise provocada pelo novo coronavírus.

Atualmente, cerca de 14,4 milhões de brasileiros estão fora do mercado de trabalho. Retirar os incentivos de mercado por meio do aumento dos juros poderá reduzir a geração de emprego no curto prazo, deixando a renda familiar brasileira em um nível que dificulta o consumo. O grande quantitativo de profissionais na categoria de empregados por conta própria pode ser um indicativo de um novo padrão de emprego na nossa economia. Apesar de o número de indivíduos com esse tipo de inserção profissional ter aumentado, aqueles com CNPJ ativo manteve-se estável, em torno de 5,7 milhões.

Assim, são mais de 19 milhões de trabalhadores brasileiros por conta própria sem um registro empresarial e, muito possivelmente, sem o apoio de profissionais da área contábil-financeira no auxílio do seu crescimento e desenvolvimento.

O cenário econômico norte-americano também apresenta alguns pontos a serem considerados. A recuperação dos EUA tem apresentado um ritmo importante, apesar de ainda dependente dos estímulos do governo. Os dados do payroll de agosto mostram que o país conseguiu criar 235 mil novas vagas, desconsiderando o setor agrícola. Apesar de positivo, o valor foi menor do que o esperado pelo mercado, que projetava 750 mil vagas. Esse resultado retirou a possibilidade de um possível aumento na taxa de juros de longo prazo, apesar do crescimento da inflação no mercado norte-americano.

A manutenção dos estímulos econômicos nos EUA se mostra importante para os países emergentes, como o Brasil, na medida em que incentiva investidores a buscarem outras formas de remuneração fora dos EUA. O timing de retirada dos incentivos econômicos do governo é um fator importante de ser considerado, pois pode provocar uma nova

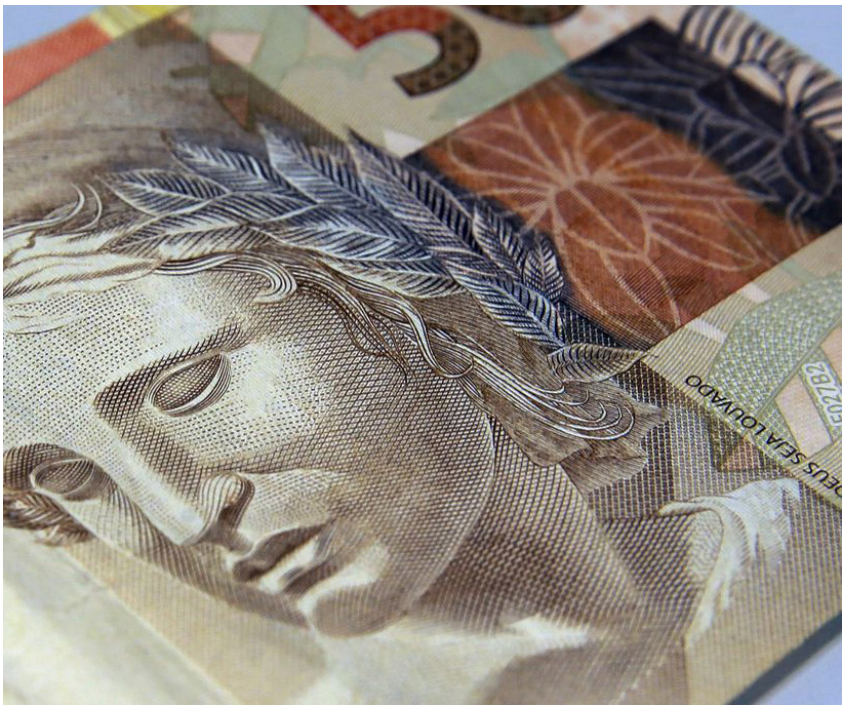


Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

onda de crises nos países emergentes como o ocorrido em 2013. O aumento da taxa de juros nos EUA retira capital dos países em desenvolvimento, gerando diversas consequências como a depreciação cambial.

O Real, que foi uma das moedas mais depreciadas durante o ano de 2020, tem apresentado um câmbio que favorece as empresas exportadoras, principalmente aquelas com preços determinados pelo mercado internacional. Em contrapartida, as entidades que são intensivas em tecnologia e/ou insumos importados acabam arcando com custos maiores com a desvalorização do real frente ao dólar. Essa tendência deve se manter no curto prazo, mesmo em um cenário de juros baixos para os EUA. O incentivo cambial às exportações impacta diretamente as empresas do setor agropecuário que tendem a escoar suas produções para o mercado internacional, pelo ganho econômico do câmbio depreciado. Isso, contudo, pode provocar um desabastecimento do mercado interno gerando ainda mais pressão nos preços dos alimentos e, consequentemente, na inflação.

PONTO DE VISTA

O PROTAGONISMO NA ATIVIDADE CONTÁBIL:
O contador como agente facilitador da transformação do empreendedorismo no Brasil

Por Rui Cadete
Sócio Fundador da Rui Cadete Consultores(Contabilidade Estratégica).

O ambiente de negócios no mundo, e em particular no Brasil, tem mudado significativamente, tornando-se mais complexo e competitivo. O avanço tecnológico tem contribuído para alterar hábitos de consumo e o modo como fazemos as coisas, causando um impacto considerável nas relações de trabalho e, consequentemente, nas habilidades e competências necessárias para o novo ambiente. Sabemos o quanto tem se intensificado essa realidade em função da COVID-19. O home office tem ganhado cada vez mais espaço e os negócios eminentemente digitais têm sido impulsionados. Estamos vivenciando uma aceleração exponencial diante de tal realidade. Quem não evoluir e se adaptar terá dificuldade em se manter economicamente útil. Muitos já perderam os seus empregos e esses números permanecem evoluindo, como consequência da transformação digital.

Considerando que 54% dos empregos formais no Brasil são oferecidos pelos micros e pequenos negócios, de acordo com dados do Sebrae, é inegável a importância dessas empresas para economia nacional. Porém, é alarmante o número de negócios que fecham precocemente. Essa triste realidade precisa ser enfrentada. Embora existam iniciativas de apoio por parte de algumas instituições, a uma enorme parcela desses empreendedores faltam conhecimentos básicos sobre organização, gestão, e finanças, bem como da importância das habilidades para conduzir equipes, realizar melhores negociações e as tão mencionadas soft skills - fundamentais para a sustentabilidade das relações de trabalho, e, consequentemente, dos negócios.

É imprescindível que esse público tenha o devido acesso às informações e orientações para diminuir essa enorme lacuna de conhecimento, que impacta diretamente em suas ações e decisões.

Partindo do princípio de que existe um contador em contato direto com cada empreendedor, faz sentido que se perceba a grande oportunidade que tem a atividade contábil no Brasil. Cabe aos profissionais assumir o papel de educador, atuando como consultor e, como consequência, menos micros e pequenos negócios fecharão de forma tão precoce. Sabemos que esse tema é complexo e desafiador.

Embora cada empreendimento seja atendido por um contador, é de nosso conhecimento que não há efetividade nas soluções para esses negócios, pelo simples fato de que a maioria dos contadores não está devidamente preparada e educada para atuar conforme a necessidade de expansão do escopo dos serviços. Praticar o assessoramento e a entrega de contabilidade consultiva será primordial para a sustentabilidade das organizações.

Aproveitando esse cenário, ao entendermos sua importância estratégica e oportuna, as instituições da área de educação poderão assumir o protagonismo por mudar essa realidade, agregando ao ambiente acadêmico temas mais subjetivos que somam conhecimento para facilitar o pensar e a reflexão, trazendo uma nova mentalidade e ações com maior valor agregado por parte dos agentes facilitadores no ambiente de negócios. Os contadores estão em uma posição extremamente

privilegiada, porém, a grande maioria permanece sem as habilidades necessárias para o aproveitamento de tamanha oportunidade.

Acredito que a parceria do universo empresarial e o mundo acadêmico é estratégica para formação profissional. Mudanças serão necessárias para adaptação do ensino ao novo ambiente dos negócios, que se torna volátil, incerto, acelerado e integrado com soluções tecnológicas em abundância. A automação como proposta de facilitar as operações dos negócios esbarra em profissionais com conhecimento e habilidades desalinhados com a necessidade das organizações, pondo em risco a oportunidade de uma maior qualidade e produtividade dos serviços realizados.

Em um mundo altamente digitalizado, com ações repetitivas sendo realizadas por máquinas, temos a oportunidade de assumir o nosso maior potencial naquilo que somos únicos. Comunicação, relacionamento com sentimentos e emoções que nos são próprias. Intuição e empatia são outros bons exemplos sobre o que acabamos em discorrer. É de fundamental importância exercitarmos e aprimorarmos a nossa inteligência relacional para uma melhor tomada de decisões.

Conscientes da importância da capacitação adequada para os micros e pequenos empreendedores, se faz necessário que os futuros profissionais e os egressos dos cursos de contabilidade adquiram habilidades que facilitem a comunicação ativa, com atenção especial ao ouvir e à compreensão das dores dos empreendedores. Autoconhecimento, capacidade adaptativa, autoconfiança e domínio dos fundamentos técnicos serão fundamentais para que esses profissionais assumam o papel de protagonista que lhe é oportuno – como agentes facilitadores para a transformação do empreendedorismo brasileiro. ■

Rui Cadete - Proprietário da Rui Cadete Assessoria Contábil Estratégia | Foto: Divulgação

FICHA TÉCNICA

HEAD EDITORIAL
Edgard Cornacchione

HEAD DE PESQUISA
Fernando Dal-Ri Murcia

ECONOMISTA-CHEFE
Samuel de Oliveira Durso

RELAÇÃO COM O MERCADO
Gabriel Emir Moreira e Silva

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Bruno de Oliveira Castro

CORRESPONDENTE EUA
Cruz Daniel Lopez

SÉRIES E DADOS
Marcelo Souza

MÍDIAS E REDES SOCIAIS

SITE: denarius.info
INSTAGRAM: @BoletimDenarius
TWITTER: @BoletimDenarius
E-MAIL: denarius@fipecafi.org

Este Boletim foi elaborado pelo corpo técnico do Denarius, a partir de estudos internos e com informações de mercado divulgadas por órgãos oficiais. O material é direcionado aos profissionais da área financeira que estejam interessados em compreender, de forma precisa e objetiva, a influência da Economia e do mercado no dia a dia de sua atuação. A FIPECAFI é uma instituição apoiadora do projeto, mas não possui responsabilidade técnica sobre as análises e informações aqui divulgadas.